



A COMUNICAÇÃO EM ATOS: ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA DE ADOLESCENTES INFRATORES

Janaina de Fátima Silva Abdalla

Mestranda em Comunicação Imagem e Informação UFF

Professora do Instituto Helena Antipoff SME /RJ

Este trabalho pretende colocar em cena os atos comunicacionais dos adolescentes infratores encarcerados em uma unidade de internação da Secretaria de Estado de Justiça e Direitos dos Cidadãos do Rio de Janeiro, o Centro de Atendimento Intensivo de Belford Roxo. Partimos da pressuposição que estes atos configuram-se como táticas no sentido construído por Michel de Certeau (1994).

Ao construir um mundo de significações, através de atos verbais e não-verbais, esses sujeitos materializam estratégias de sobrevivência, produzindo resistências peculiares. Resistências entendidas como atos difusos, muitas vezes não claramente perceptíveis.

Os textos – falas dos adolescentes, foram gravadas tendo em conta a confiança depositada no pesquisador e quando estes tiveram absoluta certeza de que não fariam parte de seus prontuários e, muito menos, dos relatórios a serem encaminhados ao Juizado da Infância e do Adolescente.

O foco central deste texto é a forma como o adolescente do CAI Belford Roxo lê a sua existência a partir do encontro com a ficção. Assim, os filmes que eles assistem nos alojamentos foram discutidos em grupo e procurou-se, através de seus relatos individuais, perceber como constroem significações peculiares para o seu mundo e sua tragédia cotidiana. Encarcerados, enclausurados, desprovidos da própria esperança, seguem lutando e construído no cotidiano táticas de sobrevivência.

1. Atos comunicacionais como "táticas"

Neste texto apresentamos a palavra dos adolescentes: diálogos, permeados por gírias e expressões completamente ausentes do universo verbal de outros grupos sociais. Ao dar a eles a palavra vimos aflorar de seus lábios lembranças, receios, resistências, lutas, todo não-dito

dos gestos corporais, decisões e sentimentos que presidem o cumprimento de suas tarefas cotidianas.

As conversas com o pesquisador, entretanto, tiveram um foco preferencial: a leitura que eles fazem as imagens televisivas, destacando-se as imagens que a televisão constroem sobre eles.

Neste estudo das práticas cotidianas, procuramos nelas não as marcas da estrutura social que as iguala e padroniza, mas sobretudo os traços de uma lógica de produção de ações de sujeitos reais, atores e autores de suas vidas, irredutível à lógica estrutural, porque plural e diferenciada. Procuramos, na verdade, algo que ninguém sente, uma espécie de energia inversa, um exercício que o poder provoca, a resistência (FOUCAULT, 1986).

Trata-se de esboçar uma teoria das práticas cotidianas dos adolescentes encarcerados, para extrair seu ruído na maneira de fazer e que não aparecem, a não ser muitas vezes à título de delinqüência e de violência, e que na verdade são resistências, táticas e astúcias com que tais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas e estratégias da produção sociocultural. As astúcias dos adolescentes em conflito com a lei e encarcerados compõem a rede de uma antidisciplina. (DE CERTEAU, 2000:17)

Certeau discerne no cotidiano um movimento de micro-resistências, que fundam, por sua vez, micro-liberdades, mobilizando recursos insuspeitos e, assim, deslocam as fronteiras de dominação das estratégias de poder sobre um grupo social.

Sua credulidade diante da ordem dogmática que as autoridades e instituições querem sempre organizar, sua atenção à liberdade interior dos não-conformistas, mesmo reduzidos ao silêncio, que modificam ou desviam a verdade imposta, seu respeito por toda resistência, ainda que mínima, e por toda forma de mobilidade aberta por essa resistência, tudo isto dá a Certeau a possibilidade de crer firmemente na “liberdade gazeteira das práticas”.

Assim concentraremos a atenção nos minúsculos espaços de jogos de táticas silenciosas e sutis que os adolescentes insinuem também através de seus atos comunicativos, construindo uma outra lógica discursiva em resposta à ordem imposta pelos meios de comunicação e pelas estratégias de poder disciplinar da instituição.



2. Uso e consumo, táticas e estratégias : as manifestações cotidianas da resistência

A sociedade capitalista brasileira tem reservado aos adolescentes, em geral, o papel primordial de consumidores de produtos e de regras definidos de acordo com as estratégias mercadológicas e ideológicas dos grupos dominantes.

Em relação ao adolescente em conflito com a lei, há uma produção cultural que os identificam, no imaginário social, como aqueles que buscam, através de atos ilícitos, consumir e reproduzir a imagem dos adolescentes burgueses submetidos ao sucesso do capitalismo pós-industrial.

A partir de sua rotulação com delinqüente esses indivíduos institucionalizados e encarcerados passam a configurar uma categoria marginal, que, constantemente, deve ser reconduzido ao adolescente ordinário, entregue à passividade e à disciplina de suas determinações relacionais.

Entretanto, nas suas vidas cotidianas, estes "consumidores" instituem usos diferenciados destes produtos e regras, num processo de desenvolvimento de 'táticas desviacionistas' (CERTEAU, 2000: 92) que “embora sejam relativas às possibilidades oferecidas pelas circunstâncias, não obedecem à lei do lugar”.

“Não se definem por este. Sob este ponto de vista, são tão localizáveis como as 'estratégias' tecnocráticas (e escriturísticas) que visam criar lugares segundo modelos abstratos. O que distingue estas daquelas são os 'tipos de operações' nesses espaços que as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e alterar”. (Idem, ibidem)

As maneiras de fazer e os estilos de ação dos adolescentes infratores obedecem a outras regras que não aquelas da produção e do consumo oficiais, criando um jogo mediante a estratificação de funcionamentos diferentes e interferentes, dando origem a novas 'maneiras de utilizar' a ordem imposta (CERTEAU, 2000: 92-93). Para além do consumo puro e simples, os praticantes desenvolvem ações, fabricam formas alternativas de uso, tornando-se produtores/autores, disseminando alternativas, manipulando, a seu modo, os produtos e as regras, mesmo que de modo invisível e marginal.



“Diante de uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta, posta-se uma produção de tipo totalmente diverso, qualificada como consumo, que tem como característica suas astúcias, seu esfarelamento em conformidade com as ocasiões, suas piratarias, sua clandestinidade, seu murmúrio incansável, em suma, uma quase-invisibilidade, pois ela quase não se faz notar por produtos próprios (onde teria o seu lugar ?) mas por uma arte de utilizar aqueles que lhe são impostos”. (Idem: 94)

Estas "artes de fazer" dos praticantes, no caso dessa pesquisa os adolescentes infratores, com os usos e táticas que desenvolvem cotidianamente, são inscritas e delimitadas pelas redes de relações de forças entre o forte e o fraco, que definem as circunstâncias que podem ser aproveitadas no sentido de empreender suas "ações".

3. Os adolescentes e as suas imagens na televisão

Os adolescentes do CAI Belford Roxo tem acesso às produções culturais via canais da televisão aberta. Realizamos uma pesquisa sobre quais os programas que vêem, como percebem as imagens difundidas pela televisão, suas preferências ao selecionar as programações, o tempo passado diante do aparelho e como fazem uma leitura sobre estes programas, refletindo sobre aquilo que fabricam a partir destas imagens.

Buscamos clarificar a problemática do uso do consumo, pois acreditamos, como CERTEAU, que o homem ordinário não é um consumidor passivo diante da televisão, livros, tecnologias, moda e crenças, mas um agente declaradamente transformador e afortunadamente, em muitos casos, descrente e questionador das versões empregadas para condicionar e criar ilusões pelos provedores destes instrumentos.

Esta pesquisa foi realizada com quarenta e três adolescentes, divididos em grupos de oito ou nove, dos diferentes alojamentos onde existem aparelhos receptores doados por colegas e familiares. Estas conversas foram guiadas pelo pesquisador de modo a que aflorasse através das palavras dos adolescentes os procedimentos de seleção dos programas, os horários, a frequência com que viam a programação e repercussão dessas imagens nos seus atos e pensamentos.

De modo geral os adolescentes destacaram os filmes de aventura, com cenas de luta, tiros e sexo, como os mais procurados e desejados, logo abaixo das reportagens sobre o Rio



de Janeiro, em especial as que enfocam a criminalidade e o sistema penitenciário. Reportagens e programas envolvendo a violência urbana ganharam primazia na sua fala.

"Eu vejo o RJ-TV e o Jornal Nacional, pra vê se tem nós na fita, ou se tem os donos. Viu o parangolé com Fernandinho Beira Mar, a senhora viu? Ninguém quer ficar com ele, na de-maior tudo tem tela, vídeo, celular, som de cd, a gente fica sabendo de tudo. Aqui tem alojamento sem tela, quando um menor deixa e vai embora, a direção pega e dá para os abargados ou fica pros seus. Tem vezes que a gente sabe que tem rebelião nas outras unidades pela tela e eles mandam apagar, até recolhe. E a gente liga os walkmans e fica sabendo das paradas da pista"¹ (G., 17 anos)

Na produção quotidiana da astúcia, da resistência silenciosa, não adianta desligar a televisão ou, num ato de violência simbólica e real, mandar retirar o aparelho dos alojamentos. A violência da retirada da informação contrapõe-se a resposta da informação recebida através dos walkmans, aparelhos de interação desses jovens com o mundo fora muros, seja através das músicas, seja através do noticiário.

Por outro lado, a notícia é vista para saber se enfoca suas questões – “se tem nós na fita” – ou se, ao contrário, “tem os donos”, os chefes reconhecidos nesta luta quotidiana contra a miséria. A fala da autoridade é percebida, portanto, por outro véis: o do quotidiano da representação da própria notícia.

Para Certeau, uma produção racionalizada, expansionista e centralizada, ruidosa e espetacular como a televisiva, corresponde à outra produção astuta, silenciosa e quase invisível, que opera com as maneiras como os sujeitos dela se utiliza e como as consome. Não vamos neste capítulo analisar os bens culturais televisivos, o sistema de sua produção, o mapa de sua distribuição, mas considerá-los como repertórios com os quais os adolescentes em conflito com a lei procedem a operações próprias.

Assim, na fala de G. percebemos que estes adolescentes encarcerados no CAI Belford Roxo fabricam uma imagem de si - pra vê se tem nos na fita - a partir

¹ Tem nós na fita: imagens das facções criminosas do tráfico de entorpecentes ; tem os donos: criminosos que chefiam as facções; parangolé : assunto, entrave; na de maior: na prisão de adultos; tela.tv; abargados : protegidos com privilégios ; pros seus: para os agentes de disciplina; mandam apagar: mandam desligar a tv; paradas da pista : assuntos ou noticias de fora da prisão.



de uma produção que deveria afastá-lo como espectador, excluindo-o. Ao mesmo tempo, esta imagem é alterada pelo uso que dela faz os adolescentes, empregando-a a serviço de regras, costumes e convicções estranhas à da cultura difundida pelos produtores da linguagem televisiva: a cultura das elites.

Podemos pensar que os programas jornalísticos, os telejornais, não teriam como público alvo o consumidor "adolescente infrator", isto é, os telejornais não poderiam identificar o consumidor que deles se servem, pois há o distanciamento do uso que se faz e dos indícios da ordem que lhe é imposta.

Na fala de G., podemos perceber ainda as relações de forças definidas nas redes onde se inscrevem e delimitam as circunstâncias que os adolescentes podem se aproveitar para obterem a "informação": de-maior tudo tem tela, vídeo, celular, som de cd, a gente fica sabendo de tudo, aqui tem alojamento sem tela, quando um menor deixa e vai embora, a direção pega e da para os abargados, ou fica pros seu. Trata-se de combates ou jogos entre o forte e fracos, ações que os adolescentes podem empreender como táticas e que estão sujeitas às estratégias, às técnicas organizadoras do poder da instituição.

As noções de 'estratégias' e 'táticas' construídas por Certeau diferenciam-se dos significados mais frequentes que são atribuídos aos dois termos. Para o autor, a necessidade de se estabelecer esta distinção (oposição) situa-se na base da construção de um novo modelo de compreensão da realidade social e das ações que nela são desenvolvidas. De um lado pelo sistema e de outro pelos sujeitos 'praticantes' em sua vida cotidiana. O novo modelo pretende superar os limites do atual modelo científico e estatístico dominante.

Diz Certeau: “chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado”.

Assim, “a estratégia postula um 'lugar' suscetível de ser circunscrito como 'algo próprio' e ser a base de onde se podem gerir as relações com 'uma exterioridade' de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa, etc.)”. (CERTEAU, 2000: 99)

Estratégicas, portanto, são as ações e concepções próprias de um poder, no caso da nossa análise, da instituição de internação dos adolescentes infratores, na gestão de suas

relações com o seu "outro": o adolescente em conflito com a lei, sujeitos reais, a princípio submetidos a este poder, mas potencialmente ameaçadores em suas ações instituintes.

Afirma G: Tem vezes que a gente sabe que tem rebelião nas outras unidades pela tela e eles mandam apagar, até recolhe. Esta concepção de estratégia traz como efeito principal o corte entre um lugar apropriado e o outro, tornando-se primeiramente uma vitória do lugar sobre o tempo. É um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo, como enfatiza Certeau. (Idem: 99). Em segundo lugar, é também o domínio dos lugares pela visão. A divisão do espaço permite a 'prática panóptica' a partir de um lugar de onde a visão transforma as forças estranhas em objetos que podem ser observados, medidos e controlados e, portanto, incluídos na sua própria visão. É preciso, pois, apagar a cena da televisão, impedir, para colocar em destaque uma outra visão, onde aquela realidade não existiria.

Mas não adianta apagar, não adianta retirar. Um outro aparelho de ligação com o mundo exterior é imediatamente acionado: "... eles mandam apagar, até recolhe. E a gente liga os walkmans e fica sabendo das paradas da pista "

O poder do saber poderia, deste modo, ser definido pela criação de um lugar próprio, autônomo em relação ao tempo (e às ações e acontecimentos reais ocorridos), de onde se vê e se controla, tornando legível e previsível a realidade, viabilizando o "trabalho científico". Por outro lado, este saber tem um poder que permite e comanda suas características e que, portanto, lhe é preliminar.

Em relação às táticas, Certeau as define como ações calculadas e determinadas pela ausência de um próprio. Afirma que a tática é movimento dentro do espaço de ação do inimigo e por ele controlado. Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global, nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ocasiões e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. Retomamos o relato de G : E a gente liga os "walkmans" e fica sabendo das paradas da pista. São saídas momentâneas.

O que as táticas ganham não se conserva. Este não-lugar lhe permite, sem dúvida, mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (DE CERTEAU, 2000: 100-101)



"A gente fica de madrugada vendo filme – Tela-Quente , Telecine , tem plantão que deixa ver, a gente fica vendo Cine Prive, muita mulher gostosa, uns files e depois... (risos) tem uns boiolas que fortalece a rapaziada ... (risos e fala sussurrada) no sapatinho. De tarde só passa filme pra otário, a gente dorme ou fica meando de lutinha quando não paga quadra ou escola"² (T., 17 anos)

Usando os espaços, ocasiões e possibilidades encontradas nas lacunas das estratégias dos poderosos, os "fracos", ao utilizarem taticamente os produtos do sistema, estão realizando operações de uso sobre os mesmos, e ainda que estando inscritas nas redes de relações de força existentes, nem por isso são por elas determinadas. O uso se dá em um nó de circunstâncias, uma nodosidade inseparável do contexto, do qual abstratamente se distingue. Indissociável do instante presente, de circunstâncias particulares e de um fazer. (DE CERTEAU, 2000: 96-97).

Entendemos as práticas cotidianas dos consumidores/adolescentes em conflito com a lei como ações do tipo tático e que se modificam e se ampliam em relação ao tempo e ao espaço, provocando, com isso, modificações também no sistema estratégico da instituição. Ampliamos a discussão em torno da questão das relações de poder presentes na distinção entre táticas e estratégias, a partir da explicação de Certeau: sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se fica no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo, a tática é determinada pela 'ausência de poder' assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder. (DE CERTEAU, 2000: 101)

Deste modo, redefine as duas noções, articulando-as à questão da ciência e da produção científica e, portanto, do saber. Torna precisa também a oposição espaço/tempo colocada anteriormente.

Usando como o referencial à fala de T. sobre o modo de "ler" a produção televisiva, podemos perceber neste relato as estratégias e as táticas conceituadas por Certeau: as estratégias são, portanto, ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio: plantão), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes: deixa ver), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem (a instituição de encarceramento).

² boiola : homossexual; sapatinho: devagar; meando de lutinha : brincando de luta; pagar quadra e escola : atividades esportivas na quadra e estudar .



Elas combinam esses três tipos de lugares e visam dominá-los uns pelos outros. Privilegiam, portanto, as relações espaciais. Já as táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo - às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável (agente fica vendo Cine Prive, muita mulher gostosa, uns files), à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um "golpe" (tem uns boiolas que fortalece a rapaziada ... (risos e fala sussurrada) no sapatinho), aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos. (DE CERTEAU, 2000:102).

4. As praticas cotidianas: criatividade, formalidade e marginalidade

"A gente vê um programa OS, um seriado que passa na tela, no SBT. É um programa americano que mostra a cadeia de maior, um presídio de segurança máxima. Não é igual aqui. Isso aqui é o maior massacre. A maioria de tudo é de mentira. Mas dá pra gente refletir, dá pra pensar um momento que já passou na vida. Mas a realidade, na realidade do que acontece é que não tem balas de festim. Morre mesmo". (A, 18 anos)³.

A fala de A. mostra muito mais do que a forma como produz entendimento de sentido a partir das imagens divulgadas pela televisão. O seriado da televisão americana OS adquire uma significação próxima daquele que, no cotidiano da prisão, observa as cenas de uma outra prisão, construída ficcionalmente. Embora “a maioria de tudo seja mentira”, as cenas do cotidiano da prisão mesmo ficcionais induzem à reflexão. A realidade da prisão real não é igual a da tela da TV porque, numa frase tremendamente dura e construída de maneira incisiva, “as balas não são de festim”.

Mas mesmo neste universo de dor, luta e miséria, o homem ordinário – no caso dessa pesquisa, o adolescente infrator – através das artes de fazer produz resistência. A rigor, a arte de fazer representa a sua capacidade de resistência. Uma resistência que se manifesta por ações que querem fazer valer o seu querer nas determinações mais imediatas de sua vida diária.

Não quer dizer que seu livre arbítrio consiga emudecer as evidentes determinações históricas, sociais e dos contextos que o cercam. Não se trata de uma formulação ingênua da

³ Procuramos conservar a fala original dos adolescentes, transcrevendo literalmente a sua maneira de dizer. Os erros de concordância, regência e outros foram mantidos tal como no momento da interlocução.



onipotência do homem cotidiano e muito menos de uma enganosa operação de libertação das culturas minoritárias/ populares. Trata-se de operar uma proposta dos fracos, em que se avança quando e onde as estratégias de poder tornam possíveis.

Para os adolescentes do CAI Belford Roxo, que buscam incessantemente via TV, utilizar-se de maneira criativa da leitura vinculada pelos filmes, é nesse hiato entre a realidade e a fantasia que procuram construir táticas de resistência, arte de fazer e de sobreviver às estratégias da disciplina.

Estes procedimentos de criatividade cotidiana – que se transformam em comunicação em atos - são discutidos por Certeau, que produz uma crítica ao binômio poder x resistência, também por Foucault, sobretudo, no seu livro "Vigiar e Punir". Ao apresentar as estratégias de poder disciplinar - os dispositivos - procedimentos técnicos minúsculos que atuam sobre detalhes, distribuídos nos espaços e nos corpos, produz, apesar de visualizar a questão da resistência, uma visão do poder enquanto lugar de forças dominante. Nesse momento, o autor evidencia as molas desse poder opaco, sem proprietário, sem lugar privilegiado, sem superiores, nem inferiores, sem atividade repressiva, nem dogmatismo, eficaz de modo quase autônomo por sua capacidade tecnológica de distribuir, classificar, analisar e individualizar espacialmente o objeto abordado. Numa série de quadros clínicos tenta, por sua vez, denominar e classificar as regras gerais, as condições de funcionamento, as técnicas e os procedimentos, as operações distintas, os mecanismos, princípios elementares que compõem a microfísica de poder.

Esta galeria de diagramas tem uma dupla função: delimitar práticas sem discurso e instaurar um discurso sobre essas práticas. São os sistemas que exercem o poder, os dispositivos que vampirizam as instituições e reorganizam sofisticadamente o poder disciplinar em todo o espaço social.

Nos estudos de Foucault se há uma microfísica de poder que privilegia o aparelho reprodutor da disciplina, há sempre, por trás da vigilância, resistência, tecnologia muda que determina ou rompe com as encenações instrucionais.

Mas é preciso, ao nosso ver, avançar esta discussão. Por isso, ao estudarmos as práticas quotidianas dos adolescentes encarcerados, fomos buscar, na teoria de Michel de Certeau, sinais que vão além do caráter monoteísta que contempla o processo panóptico de Foucault. Partimos da suposição que há um quadro de politeísmo de práticas disseminadas,

escondidas e dominadas, porém nunca impregnadas completamente do triunfo do poder disciplinar.

Ao designar seu binômio poder-resistência, há em Foucault uma espécie de suposição da existência de apenas uma corrente de dobra e vínculo que dinamiza as posições e que as fazem depender do poder como princípio e fim absoluto.

Ao contrário desta dinâmica explicativa, Certeau elege o aparecimento de uma pluralidade disseminada: as resistências como entidades que não dependem univocamente do poder. Assim, os procedimentos populares, minúsculos e cotidianos, que também estão articulados com os mecanismos da disciplina, nas dobras e nos vínculos, nas fimbrias imperceptíveis, armam-se para transformá-los. E esses procedimentos constroem-se criativamente como aparentemente mudos da voragem do poder .

São as maneiras de fazer que Certeau visualiza e que proliferam para contaminar quase que microscopicamente o interior das estruturas tecnocráticas, para modificá-las mediante uma multiplicidade de técnicas articuladas tomando como base detalhes do cotidiano. São os procedimentos, as táticas e astúcias que criam uma atmosfera de anti-disciplina .



"Tem vezes que agente vê vídeo com o Jeferson ou com o Misael⁴. São fitas que eles trazem para a gente vê e falar. Filme bom que eu vi é aquele que tem o Leonardo Di Caprio, 'O diário de um adolescente', tipo mostrando a vida do moleque, que começava a usar droga, se formando, tipo o mesmo ritmo que eu, da minha vida, se formando com os maus elementos, tipo vício e viu os amigos dele morrendo, que nem meus amigos, mas ele não vai preso, ele sai da droga" (M., 16 anos)

Ao terminar sua fala, M está cabisbaixo. Imediatamente é abraçado por um colega, num gesto que mescla acolhimento e brincadeira. Abre um sorriso tímido. L. abraça outro adolescente e pedem para ser fotografados.

O adolescente pensa a realidade do encarceramento, do espaço cotidiano, de sua trajetória até a internação a partir da leitura do filme. O filme revela a combinação de fatos que o marcou e a seus amigos. A droga na vida real o transformou em adolescente em conflito com a lei. A partir da prática de leitura de consumidor do produto televisivo – o filme – cria a ação, a fala, o espaço de diálogo proposto pelos professores. Mas cria muito mais: cria o

⁴ Dinamizadores das Oficinas de Teatro e Preservida (programa de prevenção no uso de drogas)



acolhimento dos colegas nos gestos, uma maneira de resolver os desafios/sofrimentos e imposições do próprio espaço, da instituição. O gesto do outro que acolhe, é resistência, muda, silenciosa, imperceptível.

Estes procedimentos e estratagemas, as astúcias dos consumidores – como diz Certeau - compõem a rede de uma anti-disciplina materializada em trajetórias/espços, técnicas/práticas e linguagens/retórica personificada.

O estudo destas práticas não implicam, como adverte o historiador francês, em um regresso do "individualismo", porque sua análise mostra que a relação, sempre social, determina seus termos e não o inverso: as relações criam seus elementos na prática de seus autores em operações firmemente localizável no espaço da vida diária.

"Eu gosto de Cidade Alerta e do Linha Direta. O Linha Direta eu fico de olho para ver se eu conheço cara da historia, pra vê como aconteceu a coisa (riso). Na hora tem moleque que fala: 'se eu fosse ele eu fazia assim' (gestos de arma em punho e risos). Os caras que fazem na TV não fazem direito, é de mentira, não morre de verdade. Tem um seriado que passa no domingo, que passa o pessoal da favela. Como é mesmo o nome? Ah! Turma do Gueto. E teve o Cidade dos Anjos. Eu vi ele lá em Copacabana, aquele que fez o Cidade dos Anjos, só que eu não me recordo o nome dele não. No Cidade Alerta e no RJ TV, nas reportagens é que a gente vê quem a gente conhece. A gente assiste para saber o que se passa na comunidade. Viu hoje no RJ TV a operação no Morro do Adeus e na Maré? Tinha helicóptero e dava pra vê tudo, a favela toda lá de cima. A gente ficou de olho para vê aparecia a boca⁵ na tela". (D., 18 anos)

Através da tela da TV, das reportagens, os adolescentes visualizam a cidade do Rio de Janeiro. A imagem de uma cidade vista do alto, do helicóptero, e o olho da câmera da TV, transformando-a numa imensidão imóvel, que aquele adolescente olha vê e lê. Do alto, de longe, pode-se ver o conjunto, e assim escapar do cotidiano, da instituição, do encarceramento, e a distância vê a totalidade.

A produção do telejornal e dos programas cujo objetivo é desvelar a cidade para seus telespectadores de maneira que eles possam ver e compreender a sua totalidade, dela distanciando-se, possui o mesmo paradigma de uma ciência que traz, embutida, o necessário esquecimento e desconhecimento das práticas cotidianas complexas, plurais, diversas,

⁵ Boca : Local onde efetua se o trafico de entorpecente.



procurando legitimar um olhar totalizante que imagina poder tudo ver, a partir do ponto mais alto.

A complexidade da cidade é transmutada em legibilidade. A vida com suas trajetórias, ações, corpo e alma, redes de fazeres em permanente movimento, é esquecida. O cotidiano da cidade, no qual tecem suas redes de fazeres, onde vivem, agem, sentem, sofrem, amam, os seus 'praticantes ordinários' só existe onde cessa esta visibilidade

A cidade-panorama, mostrada na tela da TV, é um simulacro teórico e visual, em suma, um quadro que tem como condição de possibilidade o esquecimento e o desconhecimento das práticas. O deus voyeur criado por essa ficção deve excluir-se do obscuro entrelaçamento dos comportamentos do dia-a-dia e fazer-se estranho a eles. (CERTEAU, 2000 102-103).

A vida cotidiana na cidade/comunidade apresentada pela imagem da TV é espaço/tempo de práticas invisíveis a este olhar totalizante. Dava pra vê tudo, afirma o adolescente, onde as multidões visíveis do alto, (visíveis?) desenvolvem táticas e usos através de práticas de espaço que remetem a operações específicas (maneiras de fazer) e a uma outra espacialidade não cartográfica. A gente ficou de olho para vê aparecia a boca na tela, reafirma o adolescente na tentativa de se reapropriar do espaço pela arte de fazer.

As práticas organizadoras da cidade, aqui representadas pelos programas e reportagens que focam a criminalidade e comunidades de favela do Rio de Janeiro, captam a invisibilidade destas práticas, associando-se a uma cegueira que lhes são próprias. Escrevem o texto, mas não podem lê-lo, atuam em espaços múltiplos onde não se vê. As redes dessas escrituras, como diz Certeau, avançando e entrecruzando-se, compõem uma história múltipla, sem autor, formada de fragmentos de trajetórias e de alterações de espaços.

Assim os adolescentes encarcerados desenvolvem outro conhecimento da cidade pelo seu olhar, outro caminho de analisar as práticas microscópicas, singulares e plurais. Constroem, enfim, leituras e significações próprias e específicas – no caso a imagem de um lugar conhecido, o encarceramento se transformando em liberdade visual, algo que nem de longe está contido nos procedimentos da administração panóptica da produção televisiva que procura controlar ou eliminar.

Cabe pensar e estudar, neste caso, não mais os processos de exercício do poder e de disciplina em sua capilaridade - como fez Foucault - mas os seus recíprocos, ou seja, as



práticas de espaço que penetram nos vazios das redes de ordem e de disciplina, tecidas pelos poderosos e explicadas pelos modelos de sistema, admitindo que são essas práticas de espaço que tecem as condições determinantes da vida social. É preciso refletir, segundo Certeau, sobre os procedimentos (multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos) que escapam à disciplina. (Idem, *ibidem*: 175)

A produção televisiva não é nosso foco de estudo mas sim como os adolescentes buscam, hesitam, tateiam, criam um campo de ação a partir destas produções, deslocando a atenção do consumo supostamente passivo dos produtos recebidos para a criação e invenção. Como afirma o adolescente que cria práticas de leitura dos programas para informar-se sobre sua comunidade e assim mapear os espaços urbanos - saber o que se passa na comunidade - para atuar sobre essa leitura em reempregos e memórias - caras que fazem na TV não fazem direito, é de mentira não morre de verdade - para buscar indícios de uma realidade social, de ritualização do cotidiano - fico de olho para ver de eu conheço cara da história, pra vê como aconteceu a coisa (riso) -, para agir no espaço vivido, as práticas cotidianas - se eu fosse ele eu fazia assim (...) A gente ficou de olho para vê aparecia à boca na tela..

Embora sejam múltiplas, diversas e singulares, as práticas cotidianas, maneiras de fazer e de estar no mundo, devem ser entendidas como um número finito de procedimentos, que aplicam códigos e normas existentes seguindo uma lógica articulada em cima da ocasião, que é diferente daquela da ordem estabelecida, mas que se constitui, ainda assim, de um certo número de formalidades.

Em primeiro lugar, os jogos específicos de cada sociedade dão lugar a espaços onde os lances são proporcionais a situações. “Os jogos formulam as 'regras' organizadoras dos lances e constituem também uma 'memória' (armazenamento e classificação) de esquemas de ações, articulando novos lances conforme as ocasiões”. (CERTEAU, 2000: 83-84)

Sendo assim, as táticas utilizadas pelos praticantes na escolha deste ou daquele "lance" em uma situação específica, embora limitadas pelas regras onde devem se inscrever estes lances, possuem uma formalidade que lhes é própria, impedindo o desvendamento do jogo enquanto totalidade, na medida em que se desenvolvem no contexto complexo da vida cotidiana, com sua multiplicidade de situações e de maneiras de se perceber e avaliar estas situações.



A racionalidade própria das práticas de espaço é, portanto, a de espaços fechados e "historicizados" pela variedade dos acontecimentos a abordar. As regras são sempre as mesmas, mas os lances múltiplos que elas comportam são escolhidos, de acordo com a situação e com a avaliação que dela faz cada praticante da vida cotidiana.

Os jogos de uma sociedade se fazem, normalmente, acompanhar de relatos sobre eles. No relato dos lances efetivamente realizados em uma determinada situação se evidencia o fato de que cada acontecimento é uma aplicação singular do quadro formal. Nessas histórias estão presentes regras e lances, que são memorizados como repertórios de esquemas de ação que ensinam táticas possíveis em um sistema social ((Idem, ibidem: 84)

Relatar e selecionar filmes, que tenham como contexto a droga, o tráfico de entorpecente, a criminalidade e a prisão, servem para explicar lances, contar histórias, ações presentes no repertório dos adolescentes em conflito com a lei. É, portanto, uma atividade estratégica desta minoria, na medida em que fornecem um possível arsenal de táticas para o futuro.

"Eu vi quando tava na pista: "Cidade de Deus". Valeu! Parecia até nós na fita. Um menor disse que filmaram perto do cafofo dele, na Cidade Alta, lá em Cordovil. Viu as peças dos moleques plantados na boca? Viu o cabeleira? Maior playboy pegando a mina da zona sul. Tá ligado? Pena que não apareceu os bailes fank... Viu os cana pegando grana na boca? A guerra das facção? Tudo neurótico. No final tudo menor dando uma de xerife ... , e agora tudo aqui na cana...(riso) é nos na fita ..."6 (T., 15 anos)

"Os filmes que passa na tela às vezes parece com o que a gente já viveu. Algumas coisas parece mentira, a maioria é mentira. Meu irmão foi preso e falou como era aqui dentro. Eu não acreditei. Ai foi eu que comecei a me formar na boca. Nunca imaginava que eu ia rodar. Acabou que eu rodei e descobri como é aqui dentro: massacre"7 (D., 17 anos).

"Também tem um filme que tem três menor que vão presos, que nós vimos. Ai depois quando eles ficam de maior eles matam os caras que esculachavam eles na cadeia" (M., 16 anos)

Uma formalidade das práticas cotidianas vem à tona nessas histórias, que invertem frequentemente as relações de força e, como as histórias de milagres, garantem ao oprimido a vitória no espaço maravilhoso, utópico. Este espaço protege as armas do fraco contra a

⁶ Pista : rua , fora da prisão ; Cafofo : moradia, residência ; Peças: armas; Plantados na boca : situados em local onde há trafico de entorpecentes; Mina : garota bonita; Cana : policial ; Facção : grupo de criminosos; Neurótico : agitados , adrenalina em realizar atos perigosos como homicídio, trafico ou uso de drogas; Menor : adolescente com menor idade-penal ; nós na fita: imagens dos adolescentes na televisão .

⁷ Rodar : ser preso.



realidade estabelecida. E essas histórias oferecem ao público uma possibilidade de táticas a serem disponibilizadas no futuro.

Nestes três relatos dos adolescentes sobre o filme "Cidade de Deus", observa-se a construção sempre de dualidades. A ficção se mescla com a realidade: as histórias da TV repetem – ainda que de maneira fantasiosa – as narrativas dos adolescentes sobre a experiência da internação. O que interessa no jogo das cenas é o contraponto entre realidade e fantasia. As imagens, por outro lado, apresentam na significação construída por eles, um jogo de forças entre o fraco – o prisioneiro, o adolescente encarcerado – e seu algoz – o carcereiro ou o agente de disciplina. Mas os dois parecem ter o mesmo papel. Os dois se desdobram, como num jogo, no espaço isolado das competições cotidianas, isolado do passado. Ali podem se expor, vestidos como heróis e personagens dos filmes, reproduzindo modelos a partir dos gestos bons ou maus utilizados a cada dia. Ali se narra lances, golpes, não verdades: as astúcias e táticas dos adolescentes em conflito com a lei.

Assim como há as artes de fazer, há também as artes de dizer. A retórica dos adolescentes em conflito com a lei, linguagem nascida neste grupo nas práticas orais restitui uma legitimidade lógica e cultural de suas práticas cotidianas. As expressões, a linguagem criada e partilhada no grupo, produzem um dito que só é compreendido naquele universo. Produz uma língua particular de entendimento restrito e de sedimentação do grupo nele e por ele mesmo.

As maneiras de dizer, utilizando mais uma vez a expressão de Certeau, abrem aos que ouvem, o reconhecimento de uma maneira de tratar a linguagem recebida. Nesse sentido, as gírias inscrevem na língua ordinária astúcias, deslocamentos, elipses. Aparecem, portanto, nesse tipo de situação um estilo de pensamento e de ação, modelos de práticas.

"Quando a gente está conversando, está no miolo. É mais gírias do que a fala mesmo. Se eu falar contigo, igual no miolo, você não entende (referindo-se ao interlocutor). Só eu mais os menor, ele vai entender mais eu. Tipo assim: se você é minha técnica e vai me chamar pra conversar, vou fazer o máximo pra não falar com gíria. As vezes a gente fala gíria mas não vai ser como aqui (referindo-se ao local da conversa – alojamento dos adolescentes). No refeitório não pode conversar direito, o seu mete bronca: "Não pode falar, bah , fica quieto" (imita a fala do agente de disciplina). Aonde a gente conversa é no alojamento e na quadra. Na quadra a gente fica tudo junto, os menor da nossa área, a gente se junta e fala tudo igual. Na favela a gente fala igual, nos outros lugar, tipo assim no shopping, a gente fala tipo assim, a gente vai procurar falar melhor porque os

outros sempre discrimina, a gente é favelado, é bandido, sai de perto, tipo assim, “vou sai daqui que ele vai me roubar”, se afasta. Se eu parar num lugar e a pessoa se afasta fica mau pra mim”⁸ (A., 18 anos)

Assim os adolescentes manipulam a língua, relativizando as ocasiões e destinatários, captando e invertendo a posição lingüística do destinatário. Enquanto a gramática vigia pela propriedades dos termos, as alterações retóricas (as gírias, os desvios metafóricos, as entonações, etc.) indicam o uso da língua por locutores - os adolescentes, nas situações particulares de combates lingüísticos rituais ou efetivas – no shopping, no refeitório, na quadra, no miolo, com a técnica. São os indicadores de jogos de forças. Estão na dependência de uma problemática do enunciado. Por isso, embora, ou por serem excluídas em princípio do discurso formal da língua, essas maneira de falar fornecem à análise maneiras de fazer, um repertório dos adolescentes infratores, pois são variantes, táticas de resistência e sobrevivência deste grupo social.

O estudo desses modelos de ação, onde se incluem práticas e táticas da vida cotidiana, permitem ampliar a compreensão dessas práticas, não apenas enquanto heterogeneidade e singularidade, mas como um conjunto de ações e de maneiras de estar no mundo e fazer com que se produzam segundo uma lógica que lhe é própria. Supera a mera crítica às instituições repressivas e a seus mecanismos, permitindo perceber as práticas heterogêneas, que se reprime ou se acredita reprimir.

A pesquisa do/no cotidiano busca, deste modo, restaurar esta infinidade de táticas, prevenindo e protegendo contra os efeitos de uma análise que, necessariamente, não é capaz de apreendê-las e, sobretudo, compreendê-las.

Em uma leitura inicial, poderíamos supor que estes elementos minúsculos do cotidiano - trajetórias, técnicas e linguagem dos adolescentes infratores - estudados a partir de marcas teóricas de Michel de Certeau, obedecem a regras determinadas desprovidas do fardo da ideologia e de suas instituições, que contam com uma lógica própria. Mas não é assim. Considerar as resistências, as táticas, os atos comunicacionais como formas de ser e de estar no mundo, não que dizer esquecer a questão do fardo e do peso repressor e mutilador das instituições disciplinares. Se assim fosse, o próprio estudo de Certeau seria marginal em relação aos fenômenos estudados. E como ele mesmo diz: “*A figura atual de uma*

⁸ Seu : agente de disciplina



marginalidade não é mais a de pequenos grupos, mas uma marginalidade de massa; uma atividade não assinalada, não legível, mas simbolizada, e que é a única possível a todos aqueles que no entanto pagam, comprando-os, os produtos - espetáculos onde se soletra uma economia produtivista. Ela se universaliza. Essa marginalidade se tornou maioria silenciosa”.

Convém então insistir na formalidade das práticas, na marginalidade de uma maioria silenciosa e não homogênea, posto evidencia uma racionalidade que produz e sobrevive a partir dos golpes de astúcia, de resistência, enfim, de sobrevivência.

BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, Michel *Microfísica do Poder* . Rio de Janeiro: Graal, 1981

FOUCAULT , *A verdade e as formas jurídicas* . Rio de Janeiro : Ed. Nau , 1996

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do College de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1997

FOUCAULT , Michel . *Vigiar e Punir* , Petropolis: Vozes, 2000

CERTEAU, Michel de . *A invenção do Cotidiano :1 Arte de fazer*, Petropolis , RJ : Vozes , 2000